

## Editorial

É com enorme prazer que apresentamos este último número de nosso segundo ano. Nesta edição o leitor encontrará artigos versando sobre temas caros à filosofia de uma maneira geral, e, em especial, ao pragmatismo, tais como religião na atualidade, a noção de experiência e linguagem, justiça igualitária, liberdade e muitos outros.

Na seção de notas e comentários, destinada a autores convidados, estão os textos de Paulo Ghiraldelli, “A resposta para quem me chama de “relativista””, e de Amana Mattos, “Liberdade e individualidade nas grandes cidades: contribuições de Georg Simmel para o debate contemporâneo”. O primeiro texto mostra de modo claro como Rorty escapa do relativismo através do entendimento causal da linguagem, mediante a qual diferencia sentenças intencionais de sentenças descritivas. O segundo apresenta a argumentação de um texto lapidar de George Simmel, publicado em 1903, no qual o autor descreve a sociedade contemporânea e seu apego à liberdade, e como o aumento da liberdade representa o aumento da solidão nos grandes centros urbanos.

Na seção de artigos o leitor encontra os textos de Fabio Oliveira, “Justiça e igualdade em Ronald Dworkin”, Cristiane Maria Marinho, “James, Rorty, Vattimo e a religião pós-metafísica”, Marcos Carvalho Lopes, “Richard Rorty e a redescrição da sabedoria: Ciúme de Platão, Ciúme de Proust”, e Antonio Claudio Engelke Menezes Teixeira “A Utopia Liberal de Richard Rorty”. No primeiro o autor apresenta as principais teses de Dworkin sobre a justiça igualitária e distributiva nas sociedades liberais. Cristiane Marinho mostra em artigo de fôlego como Vattimo, James e Rorty apresentam versões atualizadas das crenças religiosas, redescritas para o mundo atual. No terceiro artigo, Marcos traz a filosofia para o plano da psicologia ‘humana’ e mostra como a filosofia de Platão pode ser explicada a partir do ciúme de Platão por Homero. Não há nesse ciúme nada de depreciativo, mas como mostra Rorty através do conceito bloomiano de ‘angústia da influência’, o ciúme é o motor por trás da obra dos grandes autores. Por fim, Antonio Engelke brinda-nos com um artigo de fôlego sobre a filosofia política de Rorty, suas influências e debates, e também suas falhas.

Na seção de tradução, encontrará “Um arco de pensamento” de Robert Brandom, “O giro neopragmatista” de David. L. Hildebrand, e, finalmente, “Michael Linn Eldridge” de James Campbell. O último texto foi apresentado na mesa redonda no 38th SAAP, em março deste ano, em homenagem a Michael Eldridge, falecido em outubro do ano passado. Conhecido por seu trabalho sobre Dewey, *Transforming Experience*, Mike era membro do nosso corpo editorial. Mike participou de um dos encontros do Grupo de Trabalho Pragmatismo e Filosofia Americana da Anpof e ao longo desses anos manteve um diálogo estreito com seus membros. O texto de Hildebrand é certamente um texto que toca num ponto chave do debate Rorty e Dewey, a noção de experiência. Rorty defende que esta noção tornou-se supérflua depois da virada linguística. Hildebrand argumenta, no entanto, que essa noção é fundamental para o pragmatismo e não pode ser abandonada. No primeiro texto, de Robert Brandom, o leitor encontra a leitura de Brandom da história da filosofia da mente de Rorty e de como ele abandona-a pelo pragmatismo.

Na seção de resenha o leitor encontra a resenha de Inês Araújo Lacerda sobre o livro de John Dewey, *Arte como experiência*, publicado pela primeira vez em sua íntegra no ano passado. Este livro certamente merece a atenção dos estudiosos do pragmatismo e da filosofia da arte, seja por que aborda a noção central da filosofia deweyana, experiência, seja por que apresenta um novo modo, pragmatista, de abordar as questões da estética.

Os editores